

23 MILHAS

julho — agosto — setembro

2026

Transcendente é o corpo que
nos permite estarmos juntos.
Habitare este espaço,
legislar o mundo pela raiz.
Conter um corpo,
é cortar o

Ílavo
a cultura
do dia a dia

3 SEX

himalion

Ciclo

Cais à Noite

22:00

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

9 QUI

Porteño

Fado Malvado

Festival Internacional
de Guitarra de Aveiro

21:30

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

10 SEX

emmy Curl

Ciclo

Cais à Noite

22:00

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

17 SEX

Unsafe Space Garden

Ciclo

Cais à Noite

22:00

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

18 SÁB

Bijuteria fauna e flora

Oficina

Saber Fazer

10:00

PLANTEIA
CASA CULTURA
ÍLHAVO

19 DOM

Pintura com elementos naturais

Oficina

Planteia em Família

10:30

PLANTEIA
CASA CULTURA
ÍLHAVO

25 SÁB

Playback

Antestreia
de Sérgio Graciano

21:30

CASA CULTURA
ÍLHAVO

12 SÁB

Sean Riley & the Slowriders

Ciclo

Cais à Noite

22:00

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

18 SEX

Filipe Sambado — Vida Salgada

Ciclo

Cais à Noite

22:00

CAIS CRIATIVO
COSTA NOVA

19 SÁB

FARSA

Catarina Miranda

21:30

CASA CULTURA
ÍLHAVO

20 DOM

Akai e Koku

Lua Cheia

Teatro para todos

10:00

FÁBRICA IDEIAS
+11:30

GAFANHA NAZARÉ

25 SEX

O Acústico

Miguel Gameiro & Pólo Norte

Concerto Solidário

ALUMNI

21:30

CASA CULTURA
ÍLHAVO

26 SÁB

Ramo Comum - Oficina de Carimbos

Oficina

Saber Fazer

10:00

PLANTEIA
CASA CULTURA
ÍLHAVO

27 DOM

Oficina da brisa e do vento

Oficina

Planteia em Família

10:30

PLANTEIA
CASA CULTURA
ÍLHAVO

ÍNDICE

Editorial

Habitar

3

Programação Regular

Espetáculos

Exposições

Cinema

4

8

9

Ciclos e Festivais

Cais à Noite

10

Mediação

Colecionário Planteia

Oficinas

15

16

Residências Artísticas

18

Calendário Cedências

19

Entrevista

Rui Horta: A conquista do voo

22

Um ano não é suficiente para pensar um tema como o da transcendência. Talvez, aliás, seja um tema que pela sua natureza, nunca se esgote realmente. Mas tentamos refletir pelo menos sobre alguns temas que estão diretamente ligados à nossa programação, às nossas áreas de trabalho, de cuidado e de atuação: a intimidade, a natureza, o corpo. Numa agenda em que falamos do corpo que dança, através do arranque de mais uma edição da Companhia Jovem de Dança de Ílhavo. Mas não apenas do corpo que dança, mas de todos os corpos que nos permitem a cultura do dia a dia e o simples, obstinado, para alguns ainda violento, ato de habitar o mundo. A transcendência é ver o corpo para além do corpo. Para além do que achamos saber sobre um corpo. Não ousar legislar um milagre. Sonhar um mundo em que não tenhamos de falar de inclusão. Porque estaremos todos a calçar os mesmos sapatos em pés diferentes.

EDITORIAL

Habitar

Tradicionalmente, o transcendente é entendido como aquilo que existe para além do corpo. Mas, ao longo deste ano, temos procurado pensar o contrário: o corpo como lugar da transcendência. É pelo corpo que nos encontramos, comunicamos, tocamos, olhamos e partilhamos. É nele que a relação com o outro acontece e que a experiência coletiva se constrói. É na presença dos corpos, no gesto de habitar-mos um mesmo espaço, que nasce a comunidade — um espaço de convivência, de criação, de experiência e de existência. Habitar é mais do que ocupar um lugar. É criar uma relação com ele, cuidar, construir sentido, permanecer e aceitar que esse lugar também nos transforme. Habitar é um gesto recíproco: transformamos o espaço enquanto somos transformados por ele. É assim que o 23 Milhas habita o território: através dos corpos, dos encontros e das múltiplas formas de transcendência que deles emergem. Neste trimestre, habitamos o verão. Entre julho e setembro, o Cais à Noite domina a programação. Voltamos a habitar o Cais Criativo da Costa Nova, com cinco concertos. Em julho, *himalion*, *emmy Curl* e *Unsafe Space Garden* dialogam com música indie, melódica e caótica, enquanto em setembro celebramos duas décadas de *Sean Riley & the Slowriders* e uma década de *Vida Salgada* da Filipe Sambado. Ainda em julho, o 23 Milhas associa-se ao Festival Internacional de Guitarras de Aveiro, com o acolhimento do concerto *Porteño*, do grupo Fado Malvado e antecipa, em antestreia nacional, o filme biográfico de Carlos Paião, *Playback*, do realizador Sérgio Graciano, uma obra apoiada pelo Município de Ílhavo que celebra a vida de um dos artistas mais acarinhados da história da música portuguesa. Em setembro apresentamos *FARSA*, de Catarina Miranda, espetáculo coproduzido pelo 23 Milhas, o espetáculo para bebés *Akai e Koku* e um concerto solidário promovido pela Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Aveiro, *O Acústico* de Miguel Gameiro & Pólo Norte. Durante o trimestre acontecem várias sessões de cinema, ações no Planteia, incluindo oficinas de bijuteria de fauna e flora, de carimbos, pintura e sensorial. É neste trimestre que começamos a habitar os espaços invisíveis dos projetos da MILHA. Acolhemos o coreógrafo Rui Horta, criador convidado da Companhia Jovem de Dança de Ílhavo, com a primeira residência do processo de criação do espetáculo deste ano.

ESPETÁCULOS

MÚSICA

Porteño

Fado Malvado

Festival Internacional de Guitarras de Aveiro



09 julho
qui 21:30
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €10,00

duração aprox. 60 minutos

voz Ricardo Neves
acordeão Filipe Ricardo
guitarra António Justiça
guitarra Davide Amaral

Porteño é uma viagem sonora inspirada na música urbana sul-americana em que o tango, a milonga e outras paisagens musicais se cruzam com liberdade e sensibilidade. Formado por Ricardo Neves (voz), Filipe Ricardo (acordeão), António Justiça (guitarra) e Davide Amaral (guitarra). *Fado Malvado* propõe um concerto intimista e envolvente, marcado pelo diálogo entre tradição e a contemporaneidade.

CINEMA

Playback

de Sérgio Graciano

Antestreia



25 julho
sáb 21:30
Casa Cultura
Ílhavo

M/12 · €4,00

duração aprox. 98 minutos

realização Sérgio Graciano
argumento Joana Andrade, Mário
Cenicante

ficha técnica completa 23milhas.pt

Playback acompanha o percurso de Carlos Paião, que embora agora seja conhecido de todos nós, outrora foi um estudante de Medicina que decide abdicar da segurança de uma carreira médica para seguir a sua verdadeira paixão: a música. Movido pelo talento, pela criatividade e por uma determinação invulgar, Carlos lançou-se no panorama musical português, conquistando um lugar único na história da música nacional e no coração de várias gerações de admiradores.

DANÇA

FARSA

Catarina Miranda



19 setembro
sáb 21:30
Casa Cultura
Ílhavo

M/6 · €6,00

descontos aplicáveis

duração aprox. 60 minutos

direção artística Catarina Miranda
cocriação Ângela Diaz Quintela,
Beatriz Valentim, Bruno Brandolino,
Catarina Miranda, Joana Mário,
João Brojo, Jonathan Saldanha,
Nuno Preto
interpretação Ângela Diaz Quintela,
Beatriz Valentim, Bruno Brandolino
produção RÁRA ^(PT)
coprodução Teatro Municipal
do Porto ^(PT), OOPSA ^(PT), 23 Milhas ^(PT),
Teatro Viriato ^(PT), Pôle-Sud ^(FR)
e Theatre Freiburg ^(DE)

ficha técnica completa 23milhas.pt

Ilusão, ambiguidade, engano, dismorfia. *FARSA* é uma peça hipnótica para três intérpretes e uma máquina cinética inspirada em dispositivos de ilusão ótica do século XIX. Partindo da Alegoria da Caverna, de Platão, a peça explora como luz, som e movimento moldam a perceção, dissolvendo a linha entre verdade e ilusão. Em palco, duas superfícies de silicone evocam uma pele ampliada. O espetáculo desafia quem o vê a questionar o real e o projetado, transformando o teatro num sonho vivo de perceção em constante mutação.

ESPETÁCULOS

TEATRO E MÚSICA

Akai e Koku

Lua Cheia - Teatro para todos



20 setembro
dom 10:00 + 11:30
Fábrica Ideias
Gafanha Nazaré

6 Meses a 3 Anos · €5,00 (Bebé)
€4,00 (Acompanhante)

duração aprox. 40 minutos

criação Maria João Trindade e Catarina Anacleto
interpretação Catarina Mota (atriz) e Leonor Enguiça (música)
espaço cénico e objetos de cena Marta Fernandes da Silva
encenação Maria João Trindade
direção musical Catarina Anacleto
desenho de luz João Gomes Silva
imagem design gráfico Inês do Carmo
fotografia e vídeo Beth Freitas
direção de comunicação Ana Enes
produção Lua Cheia teatro para todos
agradecimentos André M. Santos, Cristiano Barata, Natália Monteiro e RETIMBRAR

Akai, o vermelho equilibrista, gosta de linhas que o deixam baloiçar, de linhas que se transformam e o deixam viajar. Linhas que formam círculos e adoram rolar. Akai e Koku, o músico inspirador, amigos inseparáveis, convidam o público a entrar no seu mundo mágico onde as maçãs voam e as papoilas dançam. Um mundo de curiosidades, sonho e muita imaginação.

MÚSICA

O Acústico

Miguel Gameiro & Pólo Norte

Concerto Solidário ALUMNI



25 setembro
sex 21:30
Casa Cultura
Ílhavo

M/6 · €20,00
€25,00 Meet & Greet (filas A e B)

duração aprox. 90 minutos

voz/guitarra acústica Miguel Gameiro
teclados Pedro Zagalo
guitarra clássica/acústica Tiago Oliveira
baixo/guitarra elétrica Tó Almeida

organização Associação ALUMNI
Antigos Alunos Universidade de Aveiro

Os Pólo Norte são uma daquelas bandas que, mesmo quando achamos que não conhecemos, conhecemos. As canções ficaram nas nossas cabeças há muitos anos, mas é nas salas, nos teatros e auditórios que se revelam na sua verdadeira essência. Num concerto de grande intimidade e encontro, *O Acústico* de Miguel Gameiro e os Pólo Norte faz-se à estrada e não pensa em mais nada, como na sua própria música.
Lisboa, Grito, Aprender a ser feliz, O Teu Nome, Dá-me um abraço serão apenas algumas das canções que o grupo trará a este palco intimista, para que nos lembremos que, de facto, sabemos mesmo cantá-las.

A bilheteira reverte para uma IPSS do Município de Ílhavo.

EXPOSIÇÕES

FOTOGRAFIA

Mar Ausente

Luís Oliveira Santos

até 31 julho
Casa Cultura Ílhavo
Galeria

todas as idades · gratuito

organização
Museu Marítimo de Ílhavo e 23 Milhas



Registadas ao longo de quase duas décadas, as fotografias da exposição *Mar Ausente*, captam a arquitetura das secas de bacalhau que existiram em todo o país, no momento do seu envelhecimento e decadência. Mas as fotografias são também um retrato da plenitude e da beleza destes espaços, uma reflexão sobre a poética própria dos locais em ruína. Uma poética que não é fácil ou romântica mas que nasce da inexorável passagem do tempo.

CINEMA

Sala
Estúdio
Cinema
Ílhavo

quintas
18:30
+21:30
€4,00

16 julho
30 julho

10 setembro
24 setembro

A Sala Estúdio Cinema prossegue com a sua programação regular, com o mês de julho a apresentar propostas para a infância com os últimos lançamentos de *Toy Story 5* e para a versão *live-action* de *Vaiana*. Os filmes de setembro serão anunciados, como sempre, nas redes sociais e no site do 23 Milhas.

instagram
@23milhas

facebook
23 Milhas - Ílhavo

site
23milhas.pt

CAIS À NOITE

Ciclo de concertos
julho—setembro

O Cais à Noite regressa ao Cais Criativo, a vida salgada de um projeto que faz quase quantos anos como o disco com o mesmo nome que celebramos neste ciclo: cantamos, dançamos, fazemos moche se preciso for. Há música vinda da montanha, da ilha, do caos, e de um passado que parece ter sido ontem e é de hoje ainda, mas também vinda da intimidade, que às vezes parece mais longe ainda, embora tão perto. É ao sol, no seu poente e na promessa de que há coisas que não saem mais daqui, que aprendemos a renascer todos os dias.

€6,00 concerto
€15,00 pack 3 concertos

serviço de bar no local
21:00 - 24:00
ACR Palheiros da Costa Nova



MÚSICA
himalion



03 julho
sex 22:00
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €6,00
Pack 3 Concertos · €15,00

duração aprox. 70 minutos

guitarra, voz Diogo Sarabando
bateria, percussão Micael Lourenço
saxofone, flauta, teclados, percussão João Samuel Silva
teclados, violino, voz Beatriz Capote
baixo Xavier Sousa
guitarra Luís Oliveira
som Rúben Teixeira
luz João Nunes

Em *WYSIATI*, Diogo Sarabando, de *himalion* – grupo de *chamber-pop* e *indie-folk* de Aveiro – reflete sobre a necessidade e ansiedade de desabitatar o passado. Um disco com o apoio de Robin Pecknold, dos Fleet Foxes, que Diogo conheceu num *workshop* da School of Song. Misturado por Phil Weinrobe (Adrianne Lenker, Tomberlin, hand habits) no *Sugar Mountain* e masterizado por Josh Bonati (Sufjan Stevens, Adrianne Lenker, Mac Demarco) em Brooklyn NYC, *WYSIATI* é o segundo longa-duração de *himalion*. O concerto junta-o a amigos, criar comunidade musical no território que habita importa-lhe, e este disco, nascido numa ilha, terá no cais a beira-mar que merece.

artista **PRAIA**
Plataforma de Registo
de Artistas Ilhavenses

MÚSICA
emmy Curl



10 julho
sex 22:00
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €6,00
Pack 3 Concertos · €15,00

duração aprox. 60 minutos

voz, guitarra, programações e videoarte emmy Curl
baixo Razy
bateria Pedro Antunes
técnico de som Andreas Sidenius
técnico de luz Tiago Pereira
agenciamento Mosto

emmy Curl, nascida e criada nas altas montanhas de Vila Real, traz à vida as antigas melodias do folclore transmontano e celta que durante muito tempo permaneceram esquecidas. A artista dedica-se à memória do património cultural português, incorporando o lado moderno e o seu estilo de interpretação nas complexas camadas rítmicas e harmónicas destas tradições. Pastoral, vencedor do Prémio José Afonso 2025, é mais do que um álbum, é uma homenagem à herança cultural do folclore português, uma celebração de coragem e amor em tempos difíceis.

MÚSICA
Unsafe Space Garden



17 julho
sex 22:00
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €6,00
Pack 3 Concertos · €15,00

duração aprox. 60 minutos

guitarra, voz Nuno Duarte
teclados, voz Alexandra Saldanha
baixo Filipe Louro
teclados, samples Diogo Costa
guitarra José Vale
bateria João Cardita

Mais do que uma banda, *Unsafe Space Garden* são um grupo de amigos e um manifesto coletivo de celebração caótica. O seu protesto existencial, transformado em música, mistura humor, energia, cor, absurdo e intimidade. O palco não é apenas um lugar de atuação: é um espaço de embate, onde o espetáculo ao vivo se transforma numa experiência alucinante, longe de ser apenas só concerto. *Unsafe Space Garden* traz no ADN uma faísca *Zappiana*. Não como modelo, mas como ponto de ignição. No Cais à Noite apresentam o novíssimo *O Melhor e o Pior da Música Biológica*.

MÚSICA
Sean Riley
& the Slowriders



12 setembro
sáb 22:00
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €6,00
Pack 3 Concertos · €15,00

duração aprox. 60 minutos

A reunião de *Sean Riley & The Slowriders*, este ano, dá origem a um espetáculo intenso e emotivo que celebra duas décadas de música e cumplicidade. Formada em Coimbra em 2006 pela visão de Afonso Rodrigues, a banda construiu um percurso sólido no panorama nacional, cruzando influências de *folk*, *rock* e *blues* com uma escrita intimista e emocional. Em palco, o grupo revisita os temas mais marcantes da sua carreira, conduzindo o público por uma viagem que cruza o vigor dos primeiros anos — com álbuns como *Farewell* e *Only Time Will Tell* (2009) — com a maturidade e profundidade das composições mais recentes, como *Life* (2021).

CAIS À NOITE

MÚSICA

Filipe Sambado — Vida Salgada



18 setembro
sex 22:00
Cais Criativo
Costa Nova

M/6 · €6,00
Pack 3 Concertos · €15,00

duração aprox. 60 minutos

Filipe Sambado passou a infância e adolescência de um lado para o outro, e talvez essa errância não seja um mau ponto de partida para percebê-la. Se o seu crescimento é feito a errar dentro de uma fronteira, a sua música desbrava o trilho da intimidade de quem se confessa e da vulnerabilidade de quem viaja. Era este o parágrafo que abria o texto de apresentação do LP de estreia de Filipe Sambado, *Vida Salgada*. Ao longo da década que se passou, continua a ser o ponto de partida para a sua apresentação. Tudo mudou, nada mudou. Em 2016, quando lançou o primeiro álbum em seu nome, *Vida Salgada*. A própria deixava-o claro numa declaração de intenções no fecho do disco: *Eu já não vou sair daqui a bem, a mal já eu cheguei*. Ainda hoje, quando Sambado canta *Já Não Vou Sair Daqui* ao vivo, o público aplaude e junta-se ao coro. Estamos prontos.

PLANTEIA

COLECIONÁRIO

Casa Cultura Ílhavo
Planteia

€6,00 (Valor inclui inscrição
para uma Oficina Saber Fazer)



O *coleccionário* é um objeto que é um mapa, um guia, um diário de bordo, um bloco de notas, uma micro enciclopédia do nosso cada vez maior, labiríntico e imprevisível Planteia, mas acima de tudo um ponto de partida para o que cada um quiser fazer do seu. Para guardar flores, folhas, memórias, experiências, texturas. É, como o próprio Planteia, um livro em construção.

PLANTEIA

OFICINAS **SABER FAZER**

OFICINA

Bijuteria fauna e flora



SÁB 18 JUL
10:00 — 13:00
Casa Cultura Ílhavo
Planteia

M/16 · €4,00

formadora Inês Melo

inscrições através do e-mail
mediacao.23milhas@cm-ilhavo.pt

Nesta oficina de bijuteria em cerâmica fria, o Planteia é o ponto de partida e o fio condutor. Com esse fio e todos os outros, os participantes são desafiados a criar um colar ou uns brincos a condizer. Inspirados pelas folhas, flores e texturas que os rodeiam, moldar e prensar fragmentos desse pequeno jardim. A proposta também é a de abrandar, observar e criar, tal como a própria terra é capaz de fazer.

OFICINA

Ramo Comum

Oficina de carimbos



SÁB 26 SET
10:00 — 13:00
Casa Cultura Ílhavo
Planteia

M/16 · €4,00

formador João Pereira `Sim Carimbo

inscrições através do e-mail
mediacao.23milhas@cm-ilhavo.pt

Partindo de formas simples inspiradas na natureza, os participantes irão criar pequenos carimbos gravados à mão. Ao longo da sessão, essas marcas vão sendo reunidas numa composição coletiva, onde cada gesto individual encontra o seu lugar num desenho maior. Uma experiência de experimentação, partilha e criação manual.

SEMEAR O LUGAR

OFICINAS **PLANTEIA EM FAMÍLIA**

OFICINA

Pintura com elementos naturais



DOM 19 JUL
10:30 — 12:00
Casa Cultura Ílhavo
Planteia

M/4 · gratuito

inscrições através do e-mail
mediacao.23milhas@cm-ilhavo.pt

O Planteia está repleto de cores, formas e texturas escondidas à espera de serem descobertas. A partir de um percurso de exploração pelo jardim, recolhem-se elementos naturais para pintar. Pigmentos das flores, pequenos galhos, raízes e folhas passam a ser pincéis, tintas e carimbos: uma atividade para quem gosta de explorar, criar e sentir a natureza na ponta dos dedos.

OFICINA

Oficina da brisa e do vento



DOM 27 SET
10:30 — 12:00
Casa Cultura Ílhavo
Planteia

M/4 · gratuito

inscrições através do e-mail
mediacao.23milhas@cm-ilhavo.pt

E se pudéssemos apanhar o vento com as mãos? O vento não se vê, mas sente-se e ouve-se. O que nos dirá ele quando passa pelas folhas das árvores? Nesta viagem sensorial em família, os participantes são convidados a abrandar o ritmo e a ligarem-se à Natureza através da brisa. Através de jogos de escuta ativa, construção de cataventos e bolas de sabão que viajam pelo ar, crianças e adultos descobrem os segredos invisíveis do ar.

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

DANÇA
**Companhia Jovem
de Dança de Ílhavo**
Rui Horta

20 — 31 julho
Cais Criativo
Costa Nova
1 — 13 setembro
Casa Cultura Ílhavo

Este é o primeiro momento de residência dos participantes desta edição da Companhia Jovem de Dança de Ílhavo com o coreógrafo deste ano: Rui Horta. A nova criação estreia na MILHA - Festa da Música e dos Músicos de Ílhavo, que decorre de 30 outubro a 1 novembro 2026. Os intérpretes vão ser desafiados a viver o já habitual contexto formativo e profissional de uma companhia de dança e desenvolver com Rui Horta, bem como com o diretor pedagógico da companhia, Luiz Antunes, um processo artístico centrado na memória, na relação intergeracional e na reflexão crítica sobre o passado no contexto contemporâneo. Voltam a estar em residência artística, nessa altura já na Casa da Cultura de Ílhavo, em setembro e outubro.

PERFORMANCE
~vaga
Coletivo ~vaga

20 — 24 julho
Laboratório Artes
Teatro Vista Alegre

A ~vaga é um coletivo artístico multidisciplinar, dedicado predominantemente ao som, à música e ao vídeo, formado por residentes do território da Ria de Aveiro – da Barra, da Costa Nova e de Ílhavo. O coletivo dedica-se, ao longo de uma semana de trabalho, a transformar em sons e imagens as inspirações do território – a Ronca da Barra, o ritmo luminoso do farol, o movimento das marés, a ponte. Cada elemento da paisagem sonora e memória da Barra e da Costa Nova torna-se matéria de composição, num processo que coloca o próprio território como coautor.

MÚSICA
Dela Marmy

30 set — 8 out
Fábrica Ideias
Gafanha Nazaré

Dela Marmy trabalha no seu segundo disco comprometida em semear, desencadear, desenhar e consolidar mudanças e interações mesmo que subtis, mesmo que difíceis, inspirada em valores de liberdade, igualdade, justiça, democracia e amor. Encontro é um nome provisório e é também uma residência artística, numa exaltação à possibilidade e potência dessa força de espectro abrangente do qual emerge a esperança (jamais esmorecida) de um mundo melhor, valorizando a empatia, a recetividade, a afetividade, o respeito e a escuta do outro, de um mundo outro e do próprio corpo-mundo.

CALENDÁRIO CEDÊNCIAS

1 julho
Sala Estúdio
Cinema
Ílhavo

Masters of the Universe - Filme
Semana Jovem
Juventude / Câmara Municipal Ílhavo

2 julho
Fábrica Ideias
Gafanha Nazaré

Hugo Sousa - Stand Up
Semana Jovem
Juventude / Câmara Municipal Ílhavo

3 e 6 julho
Laboratório Artes
Teatro Vista Alegre

Daqui fala o morto
Grupo de Teatro Ribalta

4 julho
Laboratório Artes
Teatro Vista Alegre

**Há casamento na floresta
D'Artagnan e os três mosqueteiros**
Grupo de Teatro Ribalta

4 julho
Casa Cultura
Ílhavo

A Portuguesa
Full Dance Studio

11 julho
Fábrica Ideias
Gafanha Nazaré

Éter
Casa do Povo Gafanha Nazaré

18 julho
Casa Cultura
Ílhavo

**Baile dos Sonhos
Arabesque**
Lions Club de Ílhavo

25 julho
Fábrica Ideias
Gafanha Nazaré

Sarau de Verão
Pestinhas

7 agosto
Sala Estúdio
Cinema
Ílhavo

**Lançamento do Projeto PRAY´LHAVO
— Património Religioso Edificado
do Arciprestado de Ílhavo**
Centro Documentação Ílhavo / Câmara Municipal Ílhavo

1 a 31 agosto
Cais Criativo
Costa Nova

Biblioteca de Verão
Biblioteca Municipal Ílhavo / Câmara Municipal Ílhavo

ENTREVISTA

RUI HORTA: A CONQUISTA DO VOO

Em novembro deste ano, a Companhia Jovem de Dança de Ílhavo estreia mais uma nova criação na Milha - Festa da Música e dos Músicos de Ílhavo. Este ano, o coreógrafo Rui Horta partilha clássicos do seu repertório, muitos deles, ou diríamos que todos, parte da escola da dança contemporânea em Portugal (na Alemanha e no resto da Europa) para que a Companhia os revise. Desafiámos o diretor pedagógico da Companhia, o também coreógrafo Luiz Antunes, a conversar com Rui Horta. Nunca nos perdoaremos por tudo o que tivemos de cortar dessa conversa, que daria um livro. Mas o espaço é escasso e Rui Horta parece infinito.

Luiz Antunes: Antes de mais, nesta altura da tua vida, neste regresso, o que é voltar para trabalhar com outros corpos, esta visão de trabalhares o teu repertório com corpos mais novos?

Rui Horta: Depois de um período em que eu precisava de uma espécie de período sabático, pensei que iria reformar-me, mas não consigo. Por isso retirei-me durante alguns anos, li muito, usei o tempo para coisas para as quais nunca tinha tido tempo: particularmente ler, ver filmes e viajar. E ser um bocadinho mais cuidador da minha família. Mas, nesta altura, percebi que tinha que voltar à criação. Claro que, além de estar a preparar obras de raiz, estou a trabalhar em duas novas criações, sinto uma espécie de obrigação de perpetuar o meu repertório. Porque acho que há repertório, nomeadamente as peças que vou partilhar convosco, que são peças matriciais, não só no meu percurso, mas também na dança europeia dos anos 90. Penso que é interessante para os jovens, também os de hoje, apanharem uma espécie de comboio temporal de uma coisa que lhes passou ao lado, mas que deve ser parte da cultura coreográfica deles. Quando eu olho eu próprio para o *Wolfgang, Bitte* (1991) agora, uma das peças que iremos remontar convosco, claro que eu noto que passou muito tempo. Passaram 35 anos.

LA: Essa peça foi criada em que contexto?

RH: Foi criada no SOAP, no contexto da minha companhia Dance Theatre Frankfurt, mas foi uma peça que circulou em todo o mundo. Só na primeira circulação que tivemos com o SOAP, deve ter feito uns 150 espetáculos. Depois, acho que a remontei em cerca de 10 companhias. E agora, quando eu fiz o Pedra (Projeto Educativo em Dança de Repertório para Adolescentes), achei que esta peça era uma peça de repertório essencial. Porque mesmo que uma peça, do ponto de vista estético, tenha tido o seu tempo e, portanto, seja datada, é toda ela muito sensorial, tem música de Mozart, é uma dança com muita qualidade. Mas é uma peça datada na medida em que eu só consigo olhar para ela como uma fractal do tempo, como um testemunho. Mas, na altura, foi uma coisa muito nova. Então, esta peça tem uns laivos de peça de museu. A transmissão de uma peça destas é uma transmissão que deve ser feita por um bom intérprete. Ou seja, os jovens têm que sentir que, corpo a corpo, mesmo que nós vamos buscar os registos de vídeo e todo o trabalho, que está bem documentado, não há nada como sentir todas as nuances de qualidade, de movimento e de musicalidade. A qualidade do movimento, o detalhe da gestualidade, a musicalidade, toda a suspensão, aceleração e sensibilidade para o trabalho, por exemplo, do Mozart. Isto é extremamente importante para um intérprete hoje em dia. É um crivo muito importante. Não tinha muito essa ideia. Eu próprio não sou uma pessoa de arquivo, nem de olhar para o passado. Mas quando começaram a surgir convites deste tipo, esta peça é uma passagem óbvia. A outra que estamos com a ideia de remontar convosco, é a *Ordinary Events*. É uma peça muito física, completamente repetitiva, muito consequente, o oposto do *Wolfgang, Bitte*. É uma peça feita com a música dos Les Tambours du Bronx, que é um grupo de percussionistas incrível, que teve um sucesso enorme nos anos 90, que fez esta peça com a música ao vivo. E, portanto, são cerca de 17 minutos avassaladores. O que também representa algo no início dos anos 90, que era a conquista da fisicalidade, do voo e do espaço físico desafiante. E inscreve-se muito numa direção, talvez de um Wim Vandekeybus. Mas esta peça, particularmente, foi uma peça feita por essa razão, porque nós estávamos em residência na Suíça, ao pé de Neuchâtel, que era o centro de residência de alta competição dos atletas suíços. E nós víamos os ginastas fazerem coisas incríveis e estávamos no estúdio de dança ao lado. E dizíamos que tínhamos de conseguir fazer aquelas coisas. Fomos comprar uns tapetes para pôr no estúdio de dança, para não nos magoarmos. A peça acabou por ter três carpetes. E construímos, à volta de três tapetes, esse voo, que era um voo desafiante, que

ENTREVISTA

nós nem estávamos treinados, nem capacitados, para fazer. Portanto, foi uma descoberta com os nossos próprios corpos, o que leva a que esta peça tenha um elemento de uma enorme generosidade, que também depois acabaria por marcar o meu trabalho. Ou seja, é uma fisicalidade excessiva, quase, mas é, no contexto de há 30 anos, incrivelmente inovadora. Porque estávamos a abrir uma fronteira, em que nos magoámos todos, claro. Depois, quando se passa um repertório deste, já ninguém se magoa a seguir. Porque nós aprendemos no processo de fazer e depois passamos com processo pedagógico que já incorpora.

LA: Como se transmite, não é?

RH: Como transmitimos e ninguém se magoa. Mas nós, para conseguirmos chegar àquele tipo de material, foi incrível, foi um desafio. Estávamos mesmo na fronteira da expressão. Portanto, foi muito interessante. Duas obras muito diferentes e duas obras que eu acho que caracterizam muito, e nesse aspecto é interessante, os anos 90. Digamos, o início dos anos 90. Portanto, são 30 anos de diferença. Esta é a dança contemporânea da altura.

LA: E o que é que significam para ti estas peças, que supostamente seriam datadas, mas que continuam ainda a dizer algo?

RH: Eu acho que o *Ordinary Events*, que é uma peça feita com percussão, qualquer jovem ainda hoje se passa. Vai ver aquela peça e considera que é algo que é muito atual. No caso do Mozart, tem uma coisa muito interessante. Como tem um segundo olhar sobre a música clássica, de repente os jovens descobrem o Mozart. E então é um fascínio, porque eles percebem coisas que nunca imaginaram. E isso é, penso eu, muito importante. Quanto ao programa, na verdade, ele é um programa que tem que ser visto de uma forma pedagógica. Mas no ensino artístico e na questão artística, não há outra forma, pelo menos eu acredito, não é um processo académico, é um processo que, sobretudo na sua génese final, ele tem que ter contato com os artistas. Tem que ter contato com os artistas, com o repertório, com bailarinos, com os fazedores. E eu penso que é a única forma de fazer um ensino artístico de qualidade.

LA: Tu és um pioneiro num projeto de como o caso de Montemor (Teatro Regional da Serra de Montemuro), que começou em 2000, mas também de projetos como estes que estão a aparecer, como o caso do projeto A Pedra de que falaste, ou a Companhia Jovem Dança de Ílhavo. Como é que tu vês estes projetos, tendo sido tu um pioneiro também?

RH: Eu vejo estes projetos como uma inevitabilidade. Portugal

foi único, Portugal foi excepcional, no seu tempo, nós tínhamos um passado incrível, são pessoas um pouco mais novas que eu, eu sou um pioneiro, não é? Sou um pouco mais velho, uns anos mais velho, mas a verdade é que me inscrevo neste movimento, e a Alemanha fez o mesmo, não é? O que é que é este movimento? É um movimento que diz, bom, nós olhamos para o corpo de uma forma não hierárquica, não nos interessa, olhamos para o corpo de uma forma até ideologicamente diferente do homem clássico da dança moderna tradicional, olhamos para o corpo de uma forma não demonstrativa, não formal, mas olhamos para o conteúdo. Portanto, a nossa pergunta, o que problematizamos não é, olha para mim, é, olha para o que o meu corpo está a dizer. Não é, olha para a forma, olha para o conteúdo, olha para a mensagem, olha para a linguagem. Isso é a grande conquista da dança contemporânea, que não tem príncipe, não tem princesa, não tem, não sei quantas piruetas, não tem pernas na cabeça, pode até ter essas coisas, mas isso não é *on your face*, nunca é o objetivo da linguagem. Então, a dança contemporânea define-se muito como uma linguagem, eu uso o corpo como uma linguagem, como uso o japonês, o português, o inglês, para dizer algo, só que é uma linguagem artística, como é a linguagem do teatro, como sou o tipo de linguagem, e esta linguagem do corpo, esta forma de falar, é o que define de facto a dança contemporânea. Portanto, todo o repertório do início dos anos 90, final dos anos 80, ele é, de algum modo, pioneiro. Essa é a razão porque eu, no fundo, quis fazer este projeto, e é um processo pedagógico, não é? Também é um projeto com alunos que podem vir a dançar, ou podem não vir a dançar, mas retornam naquela fronteira em que vão decidir se querem e



ENTREVISTA

se podem, e acho que ter contato com esta coreografia nesta altura é muito formativo.

LA: E estes projetos locais e de descentralização, como é que tu os interpretas e vês hoje em dia na dança contemporânea portuguesa, como o caso da Companhia Jovem de Ílhavo?

RH: Nós viemos de um país com uma tradição centralizadora, não é? Jacobina. É o nosso modelo de país. Portanto, tudo para Lisboa, tudo de Lisboa. As coisas foram mudando até, sobretudo porque o Norte nunca viveu bem esta situação. Historicamente nunca viveu bem, desde o século XIX, sobretudo. Eu, trabalhando há muitos anos em Montemor-o-Novo, obviamente tenho isto muito claro e muito arrumado na minha cabeça. Alguma da melhor criação que se faz em Portugal faz-se em Montemor, em tudo, em todas as áreas. E exprime-se e divulga-se na plataforma das artes performativas em Montemor. Portanto, nós não temos este complexo de inferioridade. Mas o Norte, particularmente, nos últimos 10, 15 anos, revelou-se com imensa pujança. É normal, porque há projetos no Norte que se tornaram cada vez mais sólidos, projetos que eram margem, que agora se tornam fundamentais como a Balleteatro, a ACE ou a Ginasio.

LA: Qual é a importância desta intergeração? Porque tu vais trabalhar com um grupo entre os 14 e os 25 anos. E como é que sentes isso neste regresso?

RH: Quer dizer, eu agora ponho-me no lugar do velho, portanto, isto é de uma maneira muito natural. Ou seja, nós, antes de haver escolas, aprendíamos com os nossos mestres. Até é uma coisa muito oriental. É uma coisa muito, do ponto de vista da passagem do conhecimento, muito respeitosa. Com o advento das escolas de arte, isto surge de uma forma mais estruturada. Claro que é um misto entre um respeito e uma enorme cultura que nós consideramos, uma cultura teatral, uma cultura coreográfica, uma cultura de artes visuais, nós queremos saber de onde viemos para conseguirmos ir para qualquer lado. Por outro lado, numa forma como arte contemporânea, em que nós nos definimos por matar o pai, temos sempre que estar para crescermos, temos sempre que nos emanciparmos, e às vezes não é fácil emanciparmo-nos, é violento. Isto é contraditório, mas no contexto em que estes projetos existem, que são contextos pré-profissionais ou proto-profissionais, e até formativos. Eu acho que é mesmo muito importante, e acho que estamos a viver num tempo em que parece que nada foi feito antes, mas nós, ao fim de uns anos de cá andarmos, percebemos que isto é tudo em círculos, é tudo em espirais, e que voltamos não para o mesmo lugar, mas a um lugar parecido.

E eu acho que ter uma cultura coreográfica é algo muito importante para um bailarino e para um coreógrafo, e para um professor então é muito importante. perceber de onde é que se vem, para se perceber para onde é que se vai. Outra peça que eu gostaria muito de fazer aí é *a rose is a rose is a rose is a rose*. É sempre aquilo. E tu vais, ligado a uma ideia minimalista, do princípio ao fim, e vais ter que chegar ao fim. É uma maratona, e isso é fundamental, esta resiliência num jovem também. É uma peça que vai obrigar a transpor os limites da fisicalidade. E isso também é muito importante para um jovem, de 15 a 16, 17 anos. É fundamental. Por isso é que eu que tenho muita vontade de fazer esta peça, se conseguir, gostaríamos muito de fazer esta peça.

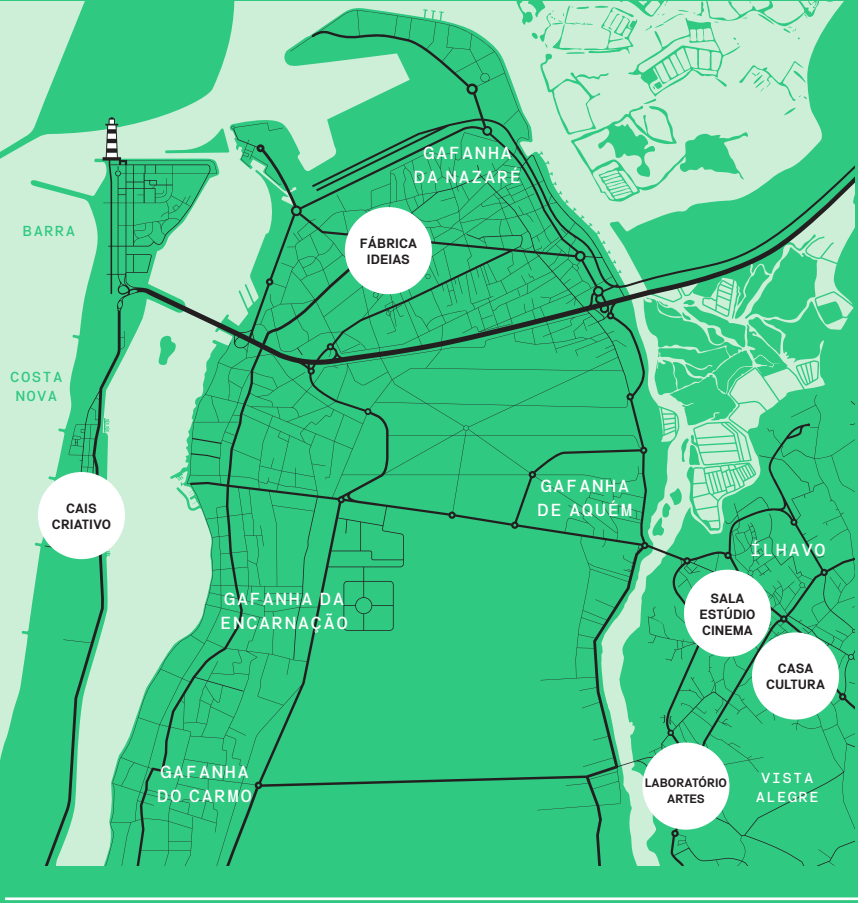
LA: No fundo, então, é um programa entre poder e resiliência.

RH: Entre poder e resiliência, sim. Eu diria que, para um jovem, é mesmo uma peça sobre enorme sensibilidade, sensibilidade a todos os níveis, e resiliência, e a outra também, sobre resiliência, não tanto poder, mas sim, essa primeira grande imagem, uma imagem do poder, a outra é sobre a tua vontade de conseguir dominar aquela técnica. Aquilo é mais forte do que tu, não é? Claro. (Nota: a outra peça mencionada é Wolfgang, Bitte, mencionada num excerto cortado desta entrevista) Agora, quando olho as peças de longe, eu tive que ir ver esta peça, para perceber se vocês podiam fazer. Acho que conseguem. Mas tens que arranjar seis miúdos muito bons, para fazer aquela peça.

LA: E vamos arranjar naquele grupo que tu vais conhecer.

RH: Tens que arranjar seis jovens, muito bons, que têm de se aguentar à bronca.

LA: E vão-se aguentar.



INFORMAÇÕES DE BILHETEIRA

Dias de espetáculos

Não é permitida a entrada no espetáculo após o seu início, salvo autorização expressa dos serviços.
Não é permitido o uso de telemóvel ou de outros equipamentos sonoros dentro da sala de espetáculos.
Não é permitido comer, beber, fumar ou efetuar qualquer tipo de registo audiovisual no interior da sala.

Preço do bilhete para espetáculos – IVA incluído à taxa de 6%.
Os espetáculos estão sujeitos ao limite da lotação do espaço/espetáculo.

Os menores de três anos só podem assistir aos espetáculos classificados “Para todos os públicos” (Decreto-Lei 23/2014 14 de fevereiro) obrigando à apresentação do respetivo documento de identificação sempre que solicitado. O respeito pelas sugestões etárias promove uma melhor receção do espetáculo.

Desconto aplicável 20%

- Bombeiros Voluntários de Ílhavo
- Cartão Família do Município (*apenas em bilheteira local*)
- Cartão Jovem
- Círculo Turístico
- Desempregado
- Funcionário, Agente, Colaborador da CMI
- Grupos +10 pessoas
- Jovem até 17 anos
- Profissionais da Cultura
- Sênior +65 anos

Os descontos não são acumuláveis.

Estes descontos não se aplicam a espetáculos de promotores externos.
Os bilhetes com desconto são pessoais e intransmissíveis, obrigando à apresentação de documento comprovativo sempre que solicitado.
Quando existirem descontos, os mesmos são indicados na informação referente ao espetáculo.

Reservas

Não se aceitam reservas.

Acessibilidade

Os bilhetes de mobilidade reduzida em cadeira de rodas podem ser comprados online.
No entanto, é necessário entrar em contacto com a bilheteira do 23 Milhas, através do telefone: 234 397 260 ou 234 397 263 (dentro do horário de funcionamento) ou por e-mail: bilheteira.23milhas@cm-ilhavo.pt, de forma a obter as informações detalhadas sobre o processo de compra destes bilhetes.

Bilhete gratuito

Para acompanhante de pessoa com deficiência, mediante ocupação do espaço.
Para portadores do Cartão Família do Município em eventos identificados.

CONTACTOS

Casa Cultura Ílhavo

Av. 25 de Abril
3830-044
Ílhavo
telefone
234 397 260
bilheteira e atendimento
terça a sexta-feira: 11:00-18:00
sábado: 14:00-19:00

Fábrica Ideias Gafanha Nazaré

Rua Prior Guerra,
3830-711
Gafanha da Nazaré
telefone
234 397 263
bilheteira e atendimento
terça-feira a sábado:
11:00-13:00 / 14:00-18:00

Cais Criativo Costa Nova

Av. Senhora da Saúde,
Praia da Costa Nova,
3830-460
Gafanha da Encarnação

Laboratório Artes Teatro Vista Alegre

Largo da Vista Alegre,
3830-292
Vista Alegre

Sala Estúdio Cinema Ílhavo

Tv. Bombeiros Voluntários Ílhavo
3830-234
Ílhavo

site
www.23milhas.pt

geral
23milhas@cm-ilhavo.pt
bilheteira
bilheteira.23milhas@cm-ilhavo.pt
propostas
propostas.23milhas@cm-ilhavo.pt
mediação
mediacao.23milhas@cm-ilhavo.pt

instagram
@23milhas
facebook
23 Milhas - Ílhavo

bilheteira online
ilhavo.bo1.pt

FICHA TÉCNICA

23 MILHAS

diretor de programação
Hugo Pequeno

coordenação produção
Catarina Pereira

equipa de produção
Beatriz Miranda
Catarina Mano
João Areias
Leandro Abrantes
Vasco Cardoso

direção de cena
Maria Calão

coordenação técnica
Sérgio Brites

equipa técnica
João Correia
João Brito
João Veludo
Tiago Cerqueira
Vasco Silva

estagiário técnica
Gonçalo Campos
João Malarmey

mediação
Ermelinda Alves
Vanessa Madail

equipa de comunicação
Maria Inês Santos
Micaela Cipriano
Pedro Ramos

secretariado
Eneida Gateira
Mara Andrade

bilheteira
António Calisto
Edward Pinho

equipa de higienização e limpeza
Elsa Casqueira
Eneida Piorro
Maria Apolinário
Mariana Silva

CÂMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO

presidente
Rui Dias

vereadora da cultura e identidade local
Eugénia Pinheiro

divisão da cultura
Lisete Cipriano

PUBLICAÇÃO

design
Pedro Ramos
edição de texto
Maria Inês Santos
edição e revisão
23 Milhas
impressão
Diário do Minho, 2026
nº exemplares
3500





Laboratório
Artes
Teatro
Vista Alegre



Fábrica
Ideias
Gafanha
Nazaré



Cais
Criativo
Costa
Nova



Casa
Cultura
Ilhavo

